

# BRASÃO

Director e Editor:

SEMANÁRIO REPUBLICANO

N.º 22 do 3.º Ano

Dr. David de Oliveira

Guimarães, 8 de Abril de 1926

Redacção e Administração: R. de Francisco Agra, 8

## 9 DE ABRIL

Passando nesta data o 8.º anniversario da batalha heroica de La Lys, em que os nossos soldados afirmaram a sua valentia, que todos os portugueses a comemorem conservando-se em silencio durante **DOIS MINUTOS, ÀS 16 HORAS**. A semelhança do que vai fazer-se em toda a Terra Portuguesa, pede-se para que, ás 16 horas do dia 9 de abril, nem movimentos, nem palavras perturbem, na rua ou em casa, o recolhido agradecimento a quantos irmãos nossos na Flandres ou em Africa, derramaram o seu sangue para nos dilatar o orgulho aceitando a morte para nos ampliar a Vida.

### Portuguêses, silencio!

#### O heroismo do nosso soldado em campanha

Os derrotistas que amesquinham e amesquinham a entrada de Portugal na Grande Guerra, só porque o facto se deu no regimen republicano, ignoram decerto que Portugal cumpriu bem o seu dever e que honrou melhor as suas gloriosas tradições do Passado.

Conhecedores de narrativas sem verdade histórica, mistura de monarchismo e demasiado tradicionalismo, renegando a própria existência da Pátria e ofuscando qualquer feito brilhante que vá de engrinaldar-lhe a frente, elles desdobram o seu desprovido senso em proveito do seu particular interesse.

Que importa o perigo ameaçador, se o sentimento patriótico é coisa vaga e se o desejo da servidão é vestido de alamares para comemorar qualquer festividade?

De temperatura inacessível a um termómetro, anciando os *pic-nics* e julgando-se na boa graça de Deus, falando correctamente o galego e desconhecendo as regras da lingua pátria, elles mordem-se de inveja ao descobrirem-lhe a reconhecida e mais que reconhecida Mentira — bofetada que lhes atiram à contumaz incredulidade.

E a História, repudiando «os acessos de moral» que lhes passam jantando, caminha na dureza da sua infalibilidade e é:

«uma mulher sombria, Gigante, colossal, que anda noite e dia A cavar sobre o chão dos vastos cemitérios, Tirando do sepulcro a ossada dos imperios»

.....  
Não reconhece reis, nem reconhece a igreja,  
Reconhece a Justiça, o grande dogma austero.  
Glorifica Jesus e cuspe sobre Nero.

— a História envolve-os com as algêmas da pureza e atira-os para as colónias penais como se fôsem sicários — sinácullo mais doloroso do que o ferrete em brasa.

E a pena de Friedrich Burschell não duvida em fazer justiça às qualidades da nossa raça, cujo mérito reside em se tratar dum alemão — justiça que ilumina uma página de História e é bem uma estrofe de poesia épica, da poesia que tornou Camões o principe dos poetas.

.....  
«Ouvia-se apenas o rodar das carretas de artilharia; lá no alto ronronava um aeroplano solitário, e só algumas peças de alto calibre, para maior tornar a confusão da fuga, roncavam profundamente despedindo largas rajadas de fogo contra as estações, caminhos de travez e quartéis generais.

Mas, a que propósito viria aquele fogo, lá da orla da aldeia? Havia, portanto, ainda em actividade, uma bateria isolada... Não eram a morte e destruição que ela cuspiu; nem tão pouco as suas quatro peças disparavam ao mesmo tempo: era por pausas que vomitavam fogo e sempre um só tiro de cada vez. E a patrulha não sabia que fazer. Para traz dela a aldeia ficara limpa de inimigos; o resto da companhia desaparecera pacificamente por entre o casario fronteiro; após os cativos seguiam tropas de infantaria — um pouco para a direita e já distantes alguns quilómetros; por detraz de tudo, saindo dos seus lugares de concentração em massas espessas de corpos e divisões, punha-se em marcha o exercito germanico...

Ficar ali, por via daqueles tiros isolados, não fazia sentido e, o moço tenente, erguendo o braço, levou à boca o apito de comando, enquanto os seus homens o seguiam transportando as metralhadoras. Mas, mais além, lá da rua por onde seguiam as tropas, já os tiros haviam sido notados. E as metralhadoras começaram a tomar posições para encurralar aquela bateria alucinada que, o mais tardar em dez minutos, reduziriam a silencio.

O tenente, com um estranho sentimento a dominar-lhe o espirito, e seguindo por entre aquele acervo de covachos, foi-se aproximando, aproximando cada vez mais, sem nada ver distintamente, sem que os seus olhos lhe dessem a chave daquele mistério.

Mas, de repente, o enigma desfez-se: já as lentes do seu binóculo focavam a bateria. Junto do terceiro canhão que se encontrava um pouco fora da linha estavam prostrados dois homens, e o tenente pôde ver com exactidão qualquer coisa que antes lhe teria parecido impossivel... Um só homem servia toda a bateria, arrastava as granadas, carregava a peça, fazia as pontarias, disparava e, observando por uns minutos o tiro, desatava de novo a correr para o monte das granadas, tornava a carregar, a apontar, a disparar, servindo-se sempre das quatro peças, insensível à fadiga, os olhos esgaseados, não olhando à direita nem à esquerda porque o tiro lho não consentia. Um homem sóinho, ali, enquanto, a muitos quilómetros já por detraz dele, as tropas eram compelidas à retirada numa enorme confusão e, dos lados, na frente e na rectaguarda, marchava o exercito alemão em todo o poderio dos seus corpos e divisões — o que significava ali aquele combatente isolado?

O tenente alemão examinou-lhe as feições. Era um rapazote — um recruta bisonho, pensou — estatura mediana mas esbelta; sem capacidade, nem boné, sem armas; o cabe-

#### 9 DE ABRIL

Semana Santa heroica

*Morreu o Nazareno para nos salvar  
Nos cerros do Calvario, pregado na Cruz!  
E foi da negra morte que surgiu a Luz  
Que o caminho ás almas veio alumiar...*

*(Caminho todo espinhos, mas que ao ceu conduz...)  
— Bemdito seja Aquel' que se deixa matar,  
Bem dita seja a morte e a Dôr a torturar,  
Quando na Morte e Dôr, nos olhos está Jesus!*

*Oh! Cristos lá da Flandres, de rostos magoados!  
Oh! Martires do Dever, da honra immaculados  
E Vós, d'Africa ardente, gemeos na Grandeza!*

*Minh'alma Vos sauda neste dia Santo!  
E queira, sobre nós, 'stender Deus o seu manto,  
P'ra Gloria e redenção da Patria portuguesa.*

H. A.

lo empastado de terra, curto e encharcolado; rosto muito moreno, olivaceo por assim dizer, e coberto de suor.

A batalha terminara e o estudante alemão deteve-se maravilhado perante aquele quadro: nem dava conta de que as lágrimas lhe corriam pelas faces: pela primeira vez, depois de tão dilatada guerra e tamanha tempestade de meios de destruição humana, lhe vinha á memoria um poeta — aquele Homero divino e os imortais acentos da sua alta epopeia sobre a queda de Troia e as grandes lutas singulares onde cada um dos heroes não era mais belo do que aquele mocito, para ali isolado, e que havia momentos tinha diante dos seus olhos.

Já, porém, as metralhadoras tinham sido colocadas em pontaria e, ao aceno de um tenente alemão, ei-las que começaram, dura e metalicamente, a alvejar o heroi. E como que uma tempestade, como que um diluvio de balas vomitado pelas gueltas de aço das metralhadoras sobre um único

homem: se ainda não haviam atingido, em breve, porém, o iriam derrubar. Já não havia tempo para acenar ao heroi, para lhe dizer que erguesse as mãos ao ar, e se entregasse. Só era tempo, sim, para cada um se sentir tomado de espanto, de admiração e, durante um longo espaço aquele vulto de soldado português ergueu-se em toda a sua altura na alma do official alemão que não podia acreditar no que os seus olhos viam, de tal forma o soldadito lhe parecia uma figura de sonho, superior a quantas realidades o dia lhe pudesse proporcionar!...

O desfecho precipitou-se porém e rapidamente. O soldadinho português já dera conta dos tiros que, de todos os lados, o ameaçavam, lhe assobiavam rente do corpo e junto dele chilreavam num canto de morte. Era-lhe forçoso agora acabar com a sua tarefa, dar aos olhos uma outra direcção, e foi então que ele viu o que, durante todo aquele longo espaço de tempo, não pudera ver. Lá adiante, na rua principal da aldeia, divizava

## Convite

Devendo no dia 9 de Abril comemorar-se o 8.º aniversário da batalha heroica de La Lys, a Sub-Agência da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, em Guimarães, manda rezar nesse dia, por dez horas, no templo de Nossa Senhora da Oliveira, uma missa em sufrágio dos que caíram para todo o sempre nos campos gelados da Flandres ou plai-nos ardentes da Africa, e para cuja assistência convida todo o bom povo desta nobilíssima cidade.

A direcção da Sub-Agência desde já se confessa agradecida a todos que se dignarem assistir a este acto religioso.

## O Doido do Marinho

O Marinho, o maluquinho de Arnazela, anda desvairado e não há quem o segure.

Informado pelos *irmãndadeiros* do Cordão e Chagas, agarra-se ao primeiro insulto e à primeira calúnia para fazer o seu destrambelhado ataque, mas tão infeliz é que nenhum dos seus zurros são sombra da expressão da verdade.

*Caserneiros, caloteiros, vadios, malditos, vigaristas* e etc., etc., são os desabafos da sua bôca sem freio e se lhe perguntarmos pelas provas, calar-se há ao receber desta chicotada.

Asno ou parvo, Marinho é o foragido que se vê a braços com todas as pessoas de Guimarães e Fafe, o esbofetado do Tenente Pinto Bastos, o vaiado pelas rameiras e quiçá apontado como o estupor que nasceu em vez dum pôtro, no dizer de "O Fafense".

E' canibal da fôrça dos Silvas, Felix e Coutos—essa hora de criminosos que andam aos pontapés de toda a Guimarães.

E levanta-se um padeiro à meia-noite para dar de comer ao... Marinho, Cordão e Chagas & C.!!!

## Cão que ladra...

Um dos informadores do Marinho e um dos mais entusiastas pelos... *lucros* do Cordão e Chagas, só porque neste jornal se tem verberado a sua campanha contra os da Ordem de S. Francisco, tentou insultar o nosso camarada de redacção, sr. Luís F. Coelho.

Porém, atendendo ao estendal de miséria moral que orla a cabeça ôca do *quadrilheiro*, ao vil passado e aos poucos escrúpulos que lhe são apanágio, o nosso colega, não tentando qualquer desfôrço, andou bem e foi prudente porquanto os insultos dirigidos foram latidos de cão lazarento e repelente.

Levá-lo ao Tribunal da Comarca, a êle que apesar de solicitador descônhece as leis, era afronta praticada ao banco dos réus, a quem repugnaria o aquecimento feito pelo *coiro do irmandadeiro*—figura grotesca que desmerece sequer o es-carro nojento do desprêso e que dá pelo nome de João do Couto Salgado.

## O espectáculo da Academia

A crítica ao modo como a nossa academia se apresentou em público aqui há dias está já feita. Todavia, não deixaremos o facto sem dizermos que «A Razão» está com aqueles que não regateiam aplausos ao trabalho dos estudantes do Liceu C. de Martins Sarmento. E' inegavel que ainda desta vez a academia soube salvar seus créditos de briosa, apresentando-se com garbo e correcção.

A' parte ligeiros *senões*, muito desculpaveis em festas desta natureza, tudo correu bem e de modo a justificar os fartos aplausos dados aos rapazes, mormente a Costa, que foi um admiravel interprete de "O Sonho do Condestavel".

Não perderam o seu tempo nem o seu dinheiro os que tão louvavelmente acorreram ao apêlo dos nossos estudantes, que só felicitações merecem pelo esforço feito e pelo bom resultado colhido.

Bem merecidas as palmas aos rapazes, a Jerónimo Sampaio e ao dr. Oliveira Sá.

## Sempre era um bagaço!...

E' um casebre fétido, estêrco de palmo no soalho esburacado e teias de aranha, que davam mantilhas, penduradas no teto. Entrei nêle por um buraco que faz de porta e logo à direita deparei com a velha enxerga asquerosa, onde tinham posto o petiz, cuja face pálida emergia do meio duma trapada, que prometia asilo seguro aos mil parasitas que a miséria gera e sustenta. Levado ali pela piedade, mal me contive ao ver-me no antro. Creio que fugiria se não visse fixos em mim os olhos negros do pobresinho, ao qual tantas vezes matei a fome e que, talvez por isso, pareciam implorar agora a esmola de o livrar da doença.

—Que tens, amigo?

—Doi-me aqui. E a magra mãosinha caía, quasi inermes na testa escaldante e húmida. Doi muito.

—Isso não é nada. Tu vais deixar pôr no peito uma coisa muito quentinha que te vai sarar e na testa um pano com vinagre. Vais ver como isso passa depressa. Se deixares e estiveres quietinho, hei-de te dar uma coisa, um papagaio daqueles de papel de côres, sabes? Não queres um papagaio?

—Quem me dera. E linha? Eu não tenho.

—Mas dou-t'a eu. Uma linha grande para êle ir muito alto, sim?

—Quem me dera... Mas eu não posso correr. E se a linha arrebentar, alaga-se o papagaio.

—Mas eu dou-te outro. Tu vais ver. Está quietinho para sarares e depois eu cá estou. Valeu?

—Pois sim. Eu deixo. E o senhor não vai embora, não?

—Não. Só vou dizer a teu pai o que ha de fazer e logo torno a vir. Tu não queres dormir um bocado?

—Não. Doi muito aqui.

—Isso vai passar, tu vais ver. Eu logo torno a vir, sim?

Já cá tôra chamei o pai, homem dos seus 35 anos de vida e 20, pelo menos, de taberna, passei-lhe para a mão umas corôas e disse que fôsse á botica comprar aquilo que o uso recomenda em casos tais. E, como era já noite, no outro dia se veria se era preciso chamar um médico.

A's 10 horas do dia seguinte batia eu à porta do casebre para saber do estado do petiz. Entro e vou dar com êle mais caído do que na véspera, sem sinais de vinagre na testa nem de outros cuidados que lhe recomendei e paguei: — Que é isto? Você não fez o que disse?

—Eu, meu senhor, sim, a gente não sabe e vai eu comprar-lhe um pouco de aguardente e dei-lha. Disseram que fazia bem e eu, como o outro que diz...

—Você é doido, homem. Não vê que com essa porcaria podia até matar o seu filho? Foi para isso que lhe dei o dinheiro? E o resto, o que sobrou?...

## Ainda a conferência

de António Sérgio

António Sérgio, um novo cheio de fulgurante inteligência, realizou duas valiosas conferências, nesta cidade, a convite da illustre Direcção da Sociedade Martins Sarmento.

De excepcionais qualidades de saber, pedagogista distintissimo, historiador consciente e jornalista de brilhante pena, êle soube vincar bem a sua passagem por Guimarães. E, embora tardiamente nos fôsse proporcionado o momento para dele falarmos, a sua voz ao reboar pela sala nobre da utilíssima Sociedade, foi grito que nos despertou do torpôr em que nos havíamos mergulhado e também foi o erguer de sentimentos que tributamos à Pátria.

A palestra em propagaada da «Liga Propulsora da Instrução em Portugal» e a conferência subordinada ao tema «A conquista de Ceuta e os Descobrimientos — Seu condicionamento social e económico» foram músicas que nos deleitaram, lições que rezamos, evocações de sonhos e depurativo para ruínas males — seiva fortalecedora de débeis e terras árvoras.

Hino patriótico ritmado pelo A B C, em que se casavam a arte de bem ensinar e o anseio duma *verdadeira* verdade histórica, se tornou em previdência — a harmonia desdobrada da meada de tempo indo dos nossos dias ao futuro — vibratibilidade necessária para os espíritos de frouxa luz e ensinamento certo para aqueles outros que se espelham no rasto do Passado.

E conjugam-se as transições fonéticas com a aventura, e comungam-se a morfologia e a satisfação de desejos mil — o livre mercadejar — volvidos séculos numerosos e reconhecida, ainda, a orientação de outr'ora — gorgolão caíndo de misteriosa fonte e cântico materno a embalar os nossos despreocupados sonhos...

Psalmódia entoada pelo santo amor da Patria a desfolhar de pétalas sôbre os nossos maiores, soube António Sérgio honrar a terra de Portugal e o seu próprio nome, ensinando as encantadoras letras do alfabeto e revivendo o enigmático problema que tantas canceiras nos traz.

## Asilo de Santa Estefânia

Nesta instituição d'assistencia infantil, de harmonia com o Estatuto, aceitam-se alunas internas pensionistas.

Alem da modicidade do preço —, quer tenham as refeições iguais ás das Asiladas ou ás do pessoal do corpo docente —, ensina-se-lhes instrucção primária, francez e todos os trabalhos de labores, abertos, rendas, flores e costura, para o que ha pessoal habilitado.

Confeccionam-se enxovaes para senhoras e creanças, e outros trabalhos tais como bordados, rendas, de bilros, etc.

Guimarães, 15 de Março de 1926.

O Presidente,

Joaquim Penafort Lisboa.

—O resto, olhe, meu senhor, como isto se apega, eu tambem comprei aguardente para mim. E boa que ela era... Aquela lhe juro eu que lhe não fazia mal. Sempre era um bagaço!...

P. P.

## O novo Administrador

e os padeiros

Várias medidas

O Ex.<sup>mo</sup> Sr. Domingos Correia Azenha, dignissimo Administrador do Concelho, convidou os padeiros a assistir a uma reunião e impôs-lhes o barateamento do pão milho e tambem a seriedade no peso do pão trigo, conforme a letra do Decr. N.º 11432.

S. Ex.<sup>a</sup> que foi enérgico, sem receios de inimizadas, ao ordenar o barateamento salvou os pobres das garras dos abutres e efectivou a aspiração do povo duma cidade e concelho.

Tivemos a sorte de ouvi-lo, e nunca por nunca pela mente nos passou que houvesse uma transigencia da parte do dignissimo Administrador, tal a sinceridade das suas palavras.

Bravo! E' assim mesmo!

Sua Ex.<sup>a</sup> informou-nos tambem de que regularizará a situação das prostitutas, acabando com aquelas que não se julgam no mesmo direito das que de facto o são.

As tabernas deverão fechar ao toque de recolher, 21 horas, e evitadas ficam todas as desordens e todos os actos que incomodam.

Sua Ex.<sup>a</sup> cnidará da reorganização do corpo de policia e oxalá a nossa edilidade o auxilie e lhe dê todas as facilidades.

Precisa-se de fiscalização, não só para os homens das... *roscas*, mas tambem para todos os cantos da cidade onde há outros que necessitam de... correctivos.

## Reclamando

De novo chamamos a atenção de quem de direito para o que se está vendo na nossa terra. As artérias da cidade continuam a servir de canos de esgôto para certas creaturas que em pouca conta têm o seu bom nome e o da terra em que vivem. Urge pôr termo a isto.

Quando é que as autoridades se resolverão a pôr termo ás brincadeiras do garotio, que tomou á sua conta certos largos e praças publicas?

E os caleiros rotos, que tornam algumas ruas intransitaveis em dias de chuva; quem se atreve a meter na ordem os srs. proprietarios dessas modernas instalações de banhos forçados?

Que diacho. Parece-nos que não pedimos muito e que são dignas de atenção as reclamações tantas vezes aqui repetidas. A não sêr que os nossos édis tencionem conquistar para Guimarães os braços, a fama e nome da celeberrima Porcalhota.

o exército alemão em marcha e as centenas e centenas de altivos ingleses que se tinham entregado: via agora que só ele estava ali, em campo aberto e raso, cercado por todos os lados e com as metralhadoras despedindo sobre si gargalhadas de morte... E então, como a uma criança a quem cruelmente desiludiram, saltaram-lhe, grossas como punhos, as lágrimas dos olhos áquele moço batalhador; bateu irado o solo com os pés e mais uma vez correu a ir buscar uma outra granada...

—O quê? aquele doido quererá continuar a fazer fogo? — pensou lá para consigo o oficial alemão.

Mas o soldadito português colocara a granada diante da culatra da segunda peça e, tomando um martelo que para ali estava — um grande e sólido martelo — agarrou-o ás mãos ambas numa crispção de músculos; inclinou-se, puxando a pancada da retaguar-

da e fazendo-a passar por sôbre a cabeça. Durante um instante o escolar tedesco, o coração a parecer que lhe queria saltar pela bôca fora, olhou os pulsos do português ferrados no cabo do martelo; viu aqueles cabelos empastados de terra, aquele rosto olivaceo que resplandecia de suor até que, num relampago, o martelo, brandido no ar ás mãos ambas, caiu sôbre a granada e, ao estrondo da detonação, numa nuvem de poeira, de lama e de metralha, desapareceu o moço batalhador português — aquele moço que ao pé dos dez milhões de vitimas, ou junto dos mortos desconhecidos da guerra mundial nada significava então, mas que combatia e morria como um heroi de antanho, um daqueles herois que havia cantado o divino poeta da Grécia antiga...